



Revista da Universidade Vale do Rio Verde
ISSN: 1517-0276 / EISSN: 2236-5362
v. 22 | n. 1 | Ano 2023

Diego Henrique Pereira
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS
diegopereira@univas.edu.br

A “NOTA 10” ENQUANTO EFEITO DE PLENITUDE: MOVIMENTOS ENTRE EDUCAÇÃO E MEMÓRIA DISCURSIVA

RESUMO

A noção de Memória Discursiva atravessa este texto nas condições de produção da Educação, tendo como objetivo central a compreensão da discursividade produzida pela expressão “Nota 10” na relação com o aluno, com o professor e com a escola. Percebe-se a recorrência do efeito de sentido elencado ao desempenho pleno, como se aquele ao qual fosse atribuída a “Nota 10” encontrasse o teto meritocrático, saturação de informações que dissimulam os diferentes fatores que compõem a Educação; apagando o real do processo – a incompletude, o questionamento, o inacabado e o social. Este texto, referencialmente, se movimenta entre a Análise de Discurso Pecheutina e debates de diferentes autores que que significam a Educação.

Palavras-chave: Nota 10; Educação; Memória Discursiva; Escola. Análise de Discurso.

LE “NOTE 10” EN PLEIN EFFET: MOUVEMENTS ENTRE ÉDUCATION ET MÉMOIRE DISCURSIVE

RÉSUMÉ

La notion de Mémoire Discursive parcourt ce texte dans les conditions de production de l'Éducation, avec l'objectif central de comprendre la discursivité produite par l'expression "Note 10" dans la relation avec l'élève, avec l'enseignant et avec l'école. La récurrence de l'effet de sens répertorié en pleine performance se voit, comme si celui auquel était attribuée la “Note 10” trouvait le plafond méritocratique, saturation d'informations qui masquent les différents facteurs qui composent l'Éducation ; gommant le réel du processus – l'inachevé, le questionnement, l'inachevé et le social. Ce texte, référentiellement, se déplace entre l'analyse du discours pecheutina et les débats de différents auteurs qui signifient l'éducation.

Mots-clés: Note 10; Éducation; Mémoire discursive; L'école; Analyse de discours.

1. INQUIETAÇÕES

Pude participar de processos avaliativos durante minha vida docente que utilizaram diferentes palavras (nota, conceito e competência) para atribuir/ mensurar resultados aos processos de avaliação. Apesar de serem palavras distintas, todas são afetadas pela memória da “nota”, pelo numérico, pela atribuição de um valor que representaria o “desempenho” dos alunos, candidatos, instituições, ou sujeitos avaliados.

Há uma associação estratificada entre a palavra “nota” com o numeral “10”, produzindo a expressão “Nota 10”, que produz sentidos em torno da “Nota Máxima”, do desempenho máximo, da pseudo-plenitude que assombra os processos educacionais.

Este texto se estrutura na hipótese da discursividade produzida pela “Nota 10” na conjuntura educacional, apontar para recorrências de efeitos ligados ao sítio discursivo da meritocracia máxima, conhecimento sendo considerado fator principal dos processos avaliativos. Todavia, o objetivo geral deste trabalho é compreender a discursividade que funciona pela e na expressão supracitada em diferentes recortes relacionados a Educação, apontando assim, os enlaces alvoroados possíveis à memória discursiva.

A Educação enquanto um processo vivo e vívido, está longe de se resumir em “Notas 10”. Ela vai além, justamente por ser uma prática – a qual envolve a História, a Linguagem, o Sujeito e a Ideologia constituindo o Social; e este produzindo, inclusive, Educação.

2. A “NOTA 10” E A MEMÓRIA DISCURSIVA NA EDUCAÇÃO

Neste texto tomo a memória não como apenas lembrança, mas filiado à Análise de Discurso Pecheutiana, penso a memória enquanto prática social, ou seja, o reverberar da História, da Linguagem e do Sujeito em determinadas condições de produção. Todavia, a memória discursiva é produzida num espaço de múltiplas possibilidades, que ao mesmo tempo que produz efeito de repetição de pré-construídos, se movimenta em deslizamentos e deslocamentos; (re)formulações que se (re)constróem pelo efeito do já dito – o ontem e o hoje livres da temporalidade; o velho e o novo numa cronologia disruptiva, historicidade produzindo efeitos de sentido.

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 2010, p.52).

Ao vasculhar o funcionamento da expressão “Nota 10”, percebe-se o funcionamento de uma presença virtual nesta materialidade discursiva, fazendo com que tal expressão se elenque em lugares capazes de mobilizar significações sócio-históricas, apontando para o alvoroados do real da linguagem.

A memória discursiva é constitutiva do discurso, pois, para que o discurso produza sentidos, é necessário que “se apoie em algo já

posto, sustente-se em um já-lá (ORLANDI, 2001). Havendo a ancoragem e sustentação neste “já-lá”, compreendemos as determinações históricas que são inerentes ao discurso.

A memória discursiva permite que tais pré-construídos sejam operados nas formações discursivas dos sujeitos que, ao produzirem e enunciarem discursos, estabelecem relações com o que já foi dito em um outro momento, com o interdiscurso – com sua memória discursiva (PEREIRA, 2022, p. 40).

No entanto, a memória discursiva se dá num espaço de retomadas de discursos outros, anteriores; porém não pode se reduzir somente a isso, ou seja, a partir dessa memória relações de forças são produzidas, jogos de poder são retomados não por acréscimo, nem por lembranças, mas pelos já-ditos que nos atravessam o tempo todo.

Discursivamente falando, a memória que funciona a partir da “nota 10” retoma o efeito de plenitude no desempenho, a nota máxima. Portanto, “tirar” uma nota 10 produz sentidos de vitória, de alcance de resultados significativos, assim sendo exemplo aos demais. Em síntese, os recortes postos abaixo nos ajudam a compreender esses possíveis sentidos.

Imagem 01: Divulgação do prêmio Aluno Nota 10



Em fundo preto, a escrita em letras maiúsculas na cor branca “ALUNO NOTA” fica ao lado do numeral “10” sendo formado por dois lápis, estes na cor dourada e com uma espécie de brilho no número zero. Abaixo das palavras “ALUNO NOTA” o slogan do prêmio segue também em letras maiúsculas e na cor dourada – “O OSCAR DA EDUCAÇÃO”. Ainda posteriormente ao slogan, dentro uma sombra de uma cidade, vem escrito a instituição promotora do evento – Mini Mundo¹, e a cidade da edição do evento – Gramado, RS.

Ao associar a premiação “Aluno Nota 10” ao “Oscar da Educação”, a memória da vitória perpassa o enunciado, fazendo sentido com a montagem do anúncio, fundo preto (que propõe sentidos de mistério) e letras douradas (lembrando a estatueta do Oscar). Ser o “Aluno Nota 10” é como se estivesse ganhando a maior premiação do cinema, assim assegurando a vitória, o desempenho perante a educação.

Na busca pela Educação de “Qualidade”, diferentes sujeitos participam de diferentes ações submersos pela ilusão de uma Educação “Plena”,

Fonte: MINI MUNDO, 2022. (<http://www.minimundo.com.br/aluno-nota-10>, acesso 01/ 03/2022.)

¹ Nesse sentido, a pedagogia deve se assumir como ciência a partir de seu concreto que circunscreve seu campo próprio de teorização e de prática, a saber: os sujeitos do processo (professor-aluno), mediatizados pelo conhecimento (objeto da aprendizagem) nas

práticas de ensino (nas ações docentes) circunscrita num determinado contexto sócio histórico que a define (STANO, 2015, P. 164).

sem falhas, sem equívocos, sem furos, ou melhor, que se assim fosse, teríamos uma Educação sem protagonista, sem sujeito.

Seria então o aluno “Nota 10” aquele cujo desempenho é pautado no quantitativo da nota? Onde o processo de ensino-aprendizagem faz imperar o trânsito de informações, aos quais erroneamente chamamos de conhecimento? Ser aluno “Nota 10” perpassa em “ter” a “Nota 10”, jogo capitalista em que o “ter” sobrepõe o “ser” na busca incessante de poder?

Aí movimenta-se descontinuamente o “ter” relacionado à posse, ao poder, tanto na relação com as riquezas materiais, quanto a primazia intelectual, esta alicerçada aos saberes teóricos. Por ora, analisar a relação do sujeito aluno com a “nota” é compreender as latências das formações ideológicas capitalistas, pois ao imaginar “ter status social/ intelectual”, imagina-se que é necessário obter “altas notas”. Vejam aí nascer uma relação de consumo (PEREIRA, 2019, p.23).

Ao associar a premiação “Aluno Nota 10” ao “Oscar da Educação”, silencia-se o processo educacional – que é feito de questionamentos, inquietações e não respostas – para dar lugar a glamourização do saber teórico, onde o “tapete vermelho” - aqueles que sustentam a Educação – são pisoteados pelos finos saltos do monopólio intelectual, desfilando assim injustiças sociais.

Orlandi (2016) diz que a Educação caminha entre a saturação e a incompletude, ou seja, numa sociedade da informação com seu grande fluxo de dados são produzidos sujeitos saturados, que funcionam pelo excesso que paralisa, que toma a quantidade como fator de sucesso. Em contrapartida, a autora assevera que para haver conhecimento é preciso ter incompletude, furos, falhas; elementos primordiais

para estruturação do processo de ensino-aprendizagem.

“[...] o conhecimento precisa da incompletude, do inacabamento, da errância dos sujeitos e dos sentidos, de sua inexatidão [...] A circulação da informação em uma sociedade, dita da informação, ao contrário, funciona pelo imaginário do completo, do fixo, do preciso, melhor ainda, do exato. Saturação e imobilidade, na maior parte das vezes, andam juntas. Aí temos, como dissemos, a imobilidade pelo excesso e não pela falta [...] (ORLANDI, 2016, p. 71).”

Penso então, que a discursividade sobre o “Aluno Nota 10” produz efeitos de ponta, ou seja, cercando o aluno unicamente no seu desempenho intelectual – que valoriza principalmente a informação – apartando-o do processo do inacabado, do sem resposta, do não gabaritado – resumindo a Educação a nota máxima, a “Nota 10”.

No mesmo sítio discursivo da “Nota 10” enquanto nota máxima, destaque de desempenho, trago o recorte abaixo que diz sobre o “Professor Nota 10”. Trata-se de uma postagem no site da Câmara de Vereadores de Balneário Camburiú – SC, que divulga a premiação “Professor Nota 10”, instaurada pelo decreto legislativo 452/2018, que possui finalidade de premiar professores da rede pública e privada da cidade que mais se destacarem pela experiência educativa com trabalho inovador, criativo e transformador em cada ano letivo, segundo o site.

A montagem é constituída por um quadro negro desestruturado (assimétrico), com diferentes ícones ao plano de fundo, remetendo diferentes campos teóricos, e no centro do quadro em caixa alta e na cor branca os dizeres “PROFESSOR NOTA 10”, tendo destaque o numeral 10. Abaixo à esquerda conta a logomarca da Câmara de Vereadores de Balneário Camburiú, e à direita o

nome da premiação “Prêmio Professor Nota 10 da Câmara de Vereadores de Balneário Camboriú”.

O ambiente da sala de aula é mobilizado pelo quadro negro, memória que toca a discursividade sobre o lugar do professor – em sala de aula, conduzindo conteúdos inscritos e escritos no quadro negro, ainda de giz. É importante pensar o quadro negro como espaço material e simbólico (d)na Educação - lugar de verdades incontestáveis, de cópias fidedignas, do movimento automático entre livro > quadro; quadro > caderno - Trânsito de dados; informações no espaço do porvir; conhecimento à espera de irrupção.

Imagem 02: Divulgação do Prêmio Professor Nota 10 da Câmara de Vereadores de Balneário Camboriú



Fonte: CVBC, 2022.

(<https://www.balneariocamboriu.sc.leg.br/imprensa/noticias/0/140/2019/45616>, acesso dia 01/03/2022.)

Penso ser urgente compreender a docência por Paulo Freire (2021), a partir da Pedagogia da Autonomia:

É preciso que, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos,

conteúdos, nem formar é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 2021, p. 25).

Por também pensar a Educação como um processo de construção, desconstrução e reconstrução, é que desloco o lugar estabilizado do professor – aquele que detém o conhecimento – para o lugar daquele que participa do processo formador; e por participar desse processo enxerga e faz enxergar o quadro negro como instrumento da dúvida, como espaço de re-forma, que projeta esperança pelo conhecer, dinamizando o processo de ensino-aprendizado não por posições cristalizadas, tampouco pela estabilidade de saberes. O processo se dá pela solidariedade ao entregar o que se tem e acolher o desconhecido, o desconexo, o diferente. Esse processo só é possível pela escuta.

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele (FREIRE, 2021, p.128).

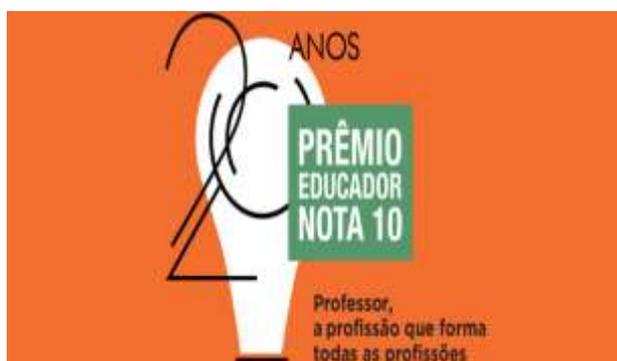
É inegável que assim como o aluno, o professor é submetido à processos avaliativos frouxos, como por exemplo as CPAs (Comissões Próprias de Avaliação), que contemplam coisa ou outra do grandioso processo educacional. É reduzido, inclusive o desempenho do professor ao “desempenho” do aluno, afinal, por várias vezes ouvi a questão: “Se a sala toda vai bem na prova, é porque o professor é bom; mas quando a maioria

dos alunos tiram notas baixas, o problema está no professor.”

Por termos uma base educacional europeia, jesuítica e catequizadora, a significação de professor produz um efeito de cola à significação do sujeito do poder. “Pensar em “sujeito de educação”, aproxima a assimilação ao “sujeito escolarizado”, aquele que é submetido a um processo de “moldagem” (mesmo que ineficaz), tentativa de construção daquele que executa e não questiona [...] (PEREIRA, 2019, p. 14).” Em suma, o professor que também passou pela experiência da escolarização, traz estigmas da Educação catequética, que na tentativa de ensinar a religião apaga horizontes outros; doutrinação que hoje não mais da religião, mas de conteúdos que silenciam modos outros de ver o mundo.

Uma nova montagem propõe um deslizamento de “Professor Nota 10” para prêmio “Educador Nota 10”. Concebemos, então, a regularidade entre o “ser” “Nota 10” e o “ter” “Nota 10”, efeito de conquista, do desempenho do sujeito, independente se for aluno, ou educador.

Imagem 03: Divulgação do Prêmio Educador Nota 10



² O prêmio funciona como política indutora para as escolas melhorarem seus resultados e política apoiadora às escolas com menores resultados. É destinado a premiar até 150 escolas públicas com melhores resultados no IDE - Alfa (Índice de Desempenho Escolar no 2º Ano do EF), IDE - 5 (Índice de Desempenho Escolar do 5º Ano do EF) e IDE - 9 (Índice de Desempenho Escolar do 9º Ano do EF) do Ensino Fundamental nas avaliações do SPAECE, e apoiar

Fonte: CONSED, 2022. (<http://www.consed.org.br/portal/noticia/divulgados-os-finalistas-do-premio-educador-nota-10>, acesso dia 01/03/2022.)

Uma lâmpada sugere sentidos de inovação, criatividade (troféu) que circula no discurso empreendedor – junto com a cor laranja; desta vez a palavra “prêmio” faz parte no nome do projeto, assim propondo uma recompensa explícita, ou seja, uma premiação. Seria o ápice do reconhecimento?

Na parte inferior direita do anúncio, veiculado no site da Consed², o mesmo traz a seguinte formulação: “Professor, a profissão que forma todas as profissões”. Causa-me aqui um desconforto, enquanto analista de discurso, o deslizamento de “educador” para “professor”, onde uma relação sinonímica é posta em funcionamento, porém em nosso campo teórico, o da AD, compreendemos este processo como dissimulação da linguagem enquanto mecanismo de antecipação, ou seja, ao utilizar palavras diferentes (professor/educador), imagina-se que tenham o mesmo significado (efeito de sentido). Dizer que professor é uma profissão que forma todas as profissões, coloca o sujeito-professor na ordem da supremacia, da importância que as vezes a sociedade não atribui a tal, tanto que é preciso dizer isso como slogan de uma premiação.

Percebemos que a palavra “professor” desliza para a palavra “educador”, produzindo sentidos sitiados no campo daquele que educa, que promove a educação; e não somente “professora” seu conhecimento ou suas crenças, é um processo Pedagógico³ vivaz.

financeiramente as escolas públicas em igual número das premiadas de 5º e 9º anos que obtiverem os menores resultados. (Disponível em: <http://www.paic.seduc.ce.gov.br/index.php/o-paic/premio-escola-nota-10>, acesso 01/03/2022.)

³

Cabe-nos então compreender o que seria um “Educador nota 10”, ou melhor, quais seriam suas atribuições para ocupar tal “posição social” a ponto de receber uma premiação denominada como “Prêmio Educador Nota 10”. Partimos do ponto assegurado por Stano (2015) em que define a prática docente como uma prática social, ou seja, como parte constitutiva do processo de formação do aluno. Para tanto, não é possível anular o lugar social ocupado pelo professor, ou muito menos silenciar suas características individuais e profissional, afinal a autora diferencia a “prática docente” da “ação docente”.

[...] o autor diferencia práticas docentes de ações docentes, destacando que estas últimas acontecem nas práticas e decorrem dos estilos de cada professor, seu itinerário profissional, suas histórias de vida, seus modos de ver e ser no mundo. Dessa forma, é importante buscar compreender como se relaciona a institucionalização das práticas e o fazer (ação) docente no cotidiano de seu exercício profissional. Mas, só se instituem as práticas a partir das ações concretas dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem (STANO, 2015, p.158 *apud* SACRISTÁN, 1999).

A constituição como “educador” é desenvolvida ao longo da vida e da carreira profissional, sendo elencada por pelo menos três eixos: o primeiro científico, disciplinar/ curricular (teórico), o segundo psicopedagógico (os saberes sobre a educação) e o terceiro do saber empírico (modos de ação docente) vindos das vivências e experiências como aluno e como professor, independente da disciplina de atuação (STANO, 2015). Portanto estabelecer-se como “Educador Nota 10” ultrapassa as paredes de sala de aula, é a junção de diferentes e complementares vivências que o constitui como docente, é o entelhar do saber, do saber fazer e do querer fazer- pedagógico.

Considerando um cenário em que o professor já não compõe sozinho o protagonismo da sala de aula, mas entra aí um fator importante – o aluno, (re)pensar as práticas de um “bom professor” que se confunde com um “bom investigador”, merece algumas observações pertinentes:

a) a docência é um componente importante na formação dos alunos; b) a docência tem características próprias de ensinar que são diferentes das ações de pesquisar, efetuar gestões etc.; c) a prática não é suficiente para um bom ensino, tendo que ser acompanhada de formação e de revisão (reflexão); d) a docência, como qualquer outra profissão, supõe conhecimentos específicos, habilidades e atitudes próprias (STANO, 2015, p.168 *apud* ZABALZA, 2004).

Em síntese, a Pedagogia se justifica enquanto ciência pela promoção da transformação social, constituindo alunos reflexivos, críticos e criadores de novos saberes em diferentes realidades de atuação. Para tanto, considerar o “educador” nesse processo é considerar a própria escola, que se significa pela junção de todos esses protagonistas que a constitui, apoiando o conceito emancipatório de Pedagogia, aquela que promove autonomia sem perder o controle de seus processos de ensino-aprendizagem.

Farfus (2012) diz ser única a relação do homem na conjuntura social, pois ele tem a necessidade do convívio com o outro, e por isso nossa espécie conta com uma espécie de instinto social. Ao passar dos anos, o homem de alguma forma criou uma fragmentação do social, afastando-se, ou até mesmo isolando-se, sozinho ou em grupos de afinidade.

Para que o homem tenha o poder de transformação da sua realidade, é necessário

que tenha acesso a novas possibilidades que alterem o seu *status quo* e proporcionem uma reinvenção do fio de sua teia. Para que ele possa interagir em sociedade, compreendendo seus direitos, deveres e a importância das associações humanas e das somas que estas oportunizam, a educação é condição fundamental (FARFUS, 2012, p. 34).

A escola então pode ser considerada não somente este ponto de encontro, mas o ponto de interseção que inaugura o processo educacional, onde educadores, educandos, gestores escolares, colaboradores administrativos, dentre outros sujeitos que comungam a Educação enquanto um processo de transformação.

Segundo Delors *et al.* (2006) um relatório consolidado foi elaborado pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, que contou com diferentes personalidades espalhadas por todo o mundo; com a intenção de relacionar os pilares da Educação. Todavia, segundo o relatório que recebeu o nome do presidente da Comissão, Jacques Delors, foi sistematizado em quatro pilares: 1. Aprender a conhecer; 2. Aprender a fazer; 3. Aprender a conviver e 4. Aprender a ser (sendo este último a integração dos demais).

A palavra “aprender” se reproduz em todos os pilares, mostrando assim o papel da Educação, e por desdobramento o papel da Escola. Os quatro pilares incentivam uma Educação enquanto um processo social, e não obstante, a Escola deve ocupar um espaço simbólico para que a Educação seja possível. Este espaço, por sua vez, deve irromper as barreiras físicas e geográficas da escola; é funcionamento – produção de sentidos e sujeitos. A Escola então, significa dentro e fora dela, ou melhor, produz sentidos em relação tanto aqueles que estão dentre dela (não necessariamente

fisicamente), mas também àqueles que estão fora dela (pela falta dela).

O sujeito de uma sociedade que tem a escola, mesmo não estando nela, é por ela significado, no caso, pela ausência, pela falta: na sua individuação pela escola, o sujeito é escolarizado ou não escolarizado e isso define as relações sociais em que se enreda, em que significa e é significado (ORLANDI, 2016, p. 70).

Contudo, a Escola como espaço simbólico de “Aprender ser” no mundo, também produz equívocos em seu funcionamento, quebrando o paradigma da transparência e evidenciando as escapas constitutivas de ser humano.

Pensando agora a Escola, outro deslizamento é produzido por uma nova peça publicitária, dessa vez colocando na escola o “mérito” da “Nota 10”. Diferente das montagens anteriores, a próxima traz por extenso a palavra “dez”.

Imagem 04: Divulgação do Prêmio Escola Nota Dez



Fonte: PAIC, 2022.
(<http://www.paic.seduc.ce.gov.br/index.php/o-paic/premio-escola-nota-10>, acesso dia 01/03/2022.)

Outro deslizamento é produzido por uma nova peça publicitária, dessa vez colocando na escola o “mérito” da “Nota 10”. Diferente das montagens anteriores, a próxima traz por extenso a palavra “dez”.

Difícilmente em uma prova/ avaliação o professor coloca a nota por extenso, geralmente é escrita por representação numérica. Portanto, ao escrever o numeral cardinal “dez”, um distanciamento é produzido entre a “nota 10” do aluno e a “nota dez” da escola, já que a mesma não é avaliada com os mesmos critérios que os alunos são observados. Esse prêmio⁴ é promovido pelo Governo do Estado do Ceará.

É inevitável perceber, as marcas figurativas que compõe esse anúncio, uma mulher de óculos à esquerda – tocando a memória do professoral, de quem ensina; e a direita uma menina escrevendo. O olhar atento da mulher observa a menina desprendendo o gesto de estudar. Livros e uma mesa compõe as condições de produção da montagem. Sentidos do “maternal” são produzidos pela figura feminina, acompanhando o processo da tarefa da aluna; o atendimento individualizado reforça esse sentido do materno, que se estende ao que significamos como professora principalmente na educação nos anos iniciais, onde a mesma não chamada de “mãe” mas de “tia”, cria um vínculo de parentesco com o discente.

Logo coloco-me a pensar sobre algumas questões: Seria a Escola “nota dez” aquele que delinea as posições sujeito-professor/ aluno? O conhecimento (representado na cena acima) é o que determina a escola “nota dez”? A “nota dez” da

escola, então não seria a “nota 10” do aluno e do educador?

Uma outra vertente me inquieta a partir desse recorte, o do funcionamento da Administração Escolar se embatendo com a Gestão Escolar, Administrativo e Pedagógico numa competição velada, apontando que a primeira traz traços do mecanicismo financeiro, e a segunda propõe o viés humanista, democrático, apática às relações.

Segundo Siquelli (2015) a Gestão Escolar se diferencia da Administração Escolar justamente pelas bases democráticas, pela participação de sujeitos diretamente ou indiretamente ligados ao processo escolar; isso não apaga a responsabilidade do gestor escolar, pelo contrário, traz mais responsabilidade ao mesmo que por ora precisa movimentar a participação da sociedade, não pode deixar de exercer seu papel enquanto administrador de uma escola.

A participação se caracteriza por uma força de atuação dos membros de uma unidade social que assumem seu poder de exercer influências. Além da participação é preciso que o gestor crie um ambiente que a estimule, mas esse processo só se efetiva por meio de ações como criar uma visão de conjunto associada a uma ação de cooperativismo, promover um clima de confiança, valorizar as capacidades e aptidões dos participantes e desenvolver a prática de assumir responsabilidade em conjunto (SIQUELLI, 2015, p. 137).

Em suma, indago aqui os elementos (se é que existem) que compõem uma “Escola nota dez”, ou até mesmo se esse movimento “democrático” potencializa os efeitos do capitalismo, afinal o mesmo constitui e (re)produz sociedade, porém é preciso presar a escola enquanto uma instituição

4

que promova uma educação baseada na individualidade (não individualismo), na potencialização de talentos humanos; numa escola sistêmica em que os valores humanos não sejam tomados pelos valores econômicos, que de fato atendam a Educação e não o consumo.

DO EFEITO DE CONCLUSÃO ÀS NOVAS INQUIETAÇÕES

Depois de empreender alguns movimentos analíticos a fim de compreender o efeito de estabilização da memória sobre a “Nota 10” em diferentes materialidades simbólicas, todas abarcadas pela conjuntura educacional; percebo que a busca pelo topo atravessa a discursividade sobre a “Nota 10”, ou seja, relações de poder são mobilizadas pelo quantitativo, pelo discurso produtivo - em que “quanto mais melhor” - diferenciam sujeitos de destaque.

A busca pela nota máxima – “Nota 10” – tem deteriorado a essência da Educação, produzindo nesse meio uma espécie de comércio de notas, onde o que tem mais poder negocia o que será atribuído a quem tem menos poder - Professor > Aluno; Escola > Professor > MEC > Escola -, jogo que produz enfoque na saturação, no excesso, no quantitativo.

Percebo então, a “Nota 10” funcionando pelo apagamento do real da Educação, pelo processo vivo, inconstante e movente que constitui a Escola e seus protagonistas. Espaço de constituição de historicidade, de sujeitos e de sentidos. Indagações que não se comportam nos limites do “10”; arrebatam a simplista equivalência da “Nota”, indomáveis inquietações

que realmente produzem a Educação; e por falar nela, podemos abarca-la na “Nota 10”?

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos do estado. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

DELOURS, Jacques et al. Educação: um tesouro a descobrir. 10. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco; Mec, 2006.

FARFUS, Daniele. Espaços educativos: um olhar pedagógico. Curitiba: Intersaberes, 2012.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 78. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

MARRACH, Sonia A. Infância, Educação e Neoliberalismo. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio. Tradução de Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi et al. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

PEREIRA, Diego Henrique. Nota, sujeito e(m)educação: efeitos do discurso do desempenho produtivo. In: *Pereira, Diego Henrique (org.)*. Na torre de papel: educação e ensino, entre sentidos e dispersões. Jundiaí [SP]: Paco Editorial, 2019. p. 11-51.

PEREIRA, Diego Henrique. (Só)Riso? O sorriso como discurso: pelo movimento do Gesto-Sentido. Campinas [SP]: Pontes Editores, 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Educação e Sociedade: o discurso pedagógico entre o conhecimento e a informação. ALED – Revista latino-americana de estudos do discurso. Buenos Aires. v.16, n. 2, p. 68- 80, 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso em Análise: sujeito, sentido e ideologia. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Terra à vista – Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

SIQUELLI. Sônia Aparecida. Discussão conceitual e influências históricas: ideias de gestão escolar democratizada. In: CÁRIA, Neide Pena; CUNHA, Neide de Brito; OLIVEIRA, Sandra Maria da Silva (orgs.). **Gestão educacional e avaliação:** perspectivas e desafios contemporâneos. Campinas: Pontes Editores, 2015.

STANO. Rita de Cássia M. T. A avaliação no espaço universitário: um caminho pela pedagogia para a autonomia. In: CÁRIA, Neide Pena; CUNHA, Neide de Brito; OLIVEIRA, Sandra Maria da Silva (orgs.). **Gestão educacional e avaliação:** perspectivas e desafios contemporâneos. Campinas: Pontes Editores, 20

Diego Henrique Pereira, Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade (PPGEduCS), Univás. Doutor e Mestre em Ciências da Linguagem pela Univás, Pós-Doutorado em Educação, Conhecimento e Sociedade pela Univás.
